ANO 7.º Sexta-feira, 29 de Janeiro de 1915 NUMERO 355

O DEMOCRATA

(AVENÇA)

SEMANARIO REPUBLICANO RADICAL D'AVEIRO

ASSINATURAS (pagamento adiantado)

Ano (Portugal e colónias) . . . . . . 1$20
Semestre $60
Brasil e estranjeiro (ano) moeda forte . . 2$50
Avulso $02
REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO, R. Direita, n.º 54

DIRECTOR E EDITOR — ARNALDO RIBEIRO
—(•)—
Propriedade da Emprêsa do DEMOCRATA

Oficina de composição, Rua Direita—Impresso na tipografia de José da Silva, Praça Luís de Camões

ANÚNCIOS

Por linha . . . . 4 centavos
Comunicados . . . . 2 centavos
Anúncios permanentes, contracto especial.
Toda a correspondência relativa ao jornal, deve ser dirigida ao director.

Causas más, peores efeitos

De ha muito que se acumulam na sociedade portuguêsa os resultados logicos de uma orientação doentia, que de pouco a pouco, agravada constantemente com novos desmandos, tem entrado em uma fáse cada vez mais gràve e num crescendo cada vez mais perigoso. O choque de paixões; o embate de odios; o delirio de ambições e de vaidades; a necessidade naturalmente imposta a quantos, com tanto prejuizo para o regimen, julgaram propicia a divisão da familia republicana em grupos politicos de variados programas e consequentemente forçados a atenderem e satisfazerem as vontádes, muitas vezes nefastas e ilegaes, ofensivas e deprimentes, dos seus apaniguados e correligionarios, tudo isso baralhou e confundiu de tal fórma a acção politica e governativa, que dia a dia nos surgem casos gràves com aspectos novos, no decorrer da já atribulada existencia nacional.

Evocando todos a salvação e o prestigio das instituições, contudo, parece que no proprio espirito dos seus mais incontestavelmente valorosos defensores, ha, no fundo, um determinado proposito de as comprometerem!

Mas no esboço desses comprometimentos e da propria existencia deles, a responsabilidade vae inteira a quantos, supremos dirigentes dos destinos do País, a eles sobrepõem os interesses mesquinhos de facção, as miseras conveniencias de regedoria.

Aqui o temos dito por mais de uma vez com a nossa proverbial franqueza, sem receio das excomunhões maiores, nem dos apôdos sistematicos dos eternos comparsas da velha comedia politica.

Ha bem pouco o repetimos e reiterámos, quando da solução dada á crise, após a demissão do gabinete Bernardino Machado. O que dessa solução resultou foi um erro e tanto maior quanto é cérto que nem o atenuava a justifica-lo em parte, sequer, uma lista completa de homens que se impozéssem pela sua estatura politica e intelectual e pela intangibilidade das suas convicções democraticas.

Não se tendo conseguido—vergonha é dize-lo—a constituição dum gabinete nacional, nunca se deveria ter pensado numa situação difinitivamente partidaria. A todas elas ainda áquelas que tivésem as indispensaveis condições para governar, estava naturalmente indicada a abdicação dessa possibilidade.

Impunha-o a situação de momento; determinava-o a gravidade da ocasião, que impelia todos a aceitar esta verdade, que tinham o patriotico dever de sobrepô-la a todas as outras razões.

A nenhuma delas, porém, se atendeu e mais uma vez foram postos de parte os altos interesses nacionaes, o prestigio e a dignidade do regimen, já tantas vezes abandonados em proveito dos arranjos e engrandecimento partidario.

Mas... como diziamos, nesta sucessão de casos novos que são um resultado logico dum desvario latente, que avassala a sociedade atual, com caracter mais acentuado e gràve, naqueles que a todo o custo deviam evita-los, ou, pelo menos, não os agravar nem confundir, surge um dos de maior gravidade que se tem produzido, por nele se envolverem o exercito e a marinha na pessoa dos seus oficiaes.

Em todas as nacionalidades regularmente organisadas, o exercito, além de ser a mais elevada constituição que as representa, é, por todas as razões e ainda pelo fim exclusivo da sua existencia, uma corporação que se impõe á consideração publica e ao conceito de todos.

Tem tambem o exercito a obrigação moral de manter o respeito que a si exclusivamente deve? Sem duvida.

O conhecimento da sua propria força, o elevado e nobilissimo fim a que se destina, naturalmente lhe impõem o indeclinavel dever de medir e pautar as suas acções colectivas e até mesmo aquelas que individualmente possam ser tomadas. Ha muito, porém—com profundissima magua o dizemos—a convicção de que, por influencias estranhas, se produziam deslocações de vários oficiaes foi-se pouco a pouco arreigando no espirito da classe, a ponto de nela se estabelecer uma atmosféra de latente desforço pronto a explodir na primeira oportunidade. Infelizmente não se fez demorar a causa determinante dessa manifestação. A transferencia imposta ao major Craveiro Lopes, da Figueira da Foz para Castelo Branco, atribuida a preponderancias politicas locaes, que vária imprensa desmentiu sem indicar, contudo, o verdadeiro motivo de tal deslocação—foi a sentelha que lançou o incendio que atingiu proporções de inegualavel gravidade.

Não ha duvida que o inicio do movimento foi exclusivamente de solidariedade militar. Gràve? Não se contesta. Precepitadamente resolvido, exigindo antes mais madura ponderação e outra fórma de evidenciar-se? Talvez.

Mas o que é cérto—e isso foi o perigo que faltou medir—é que até de monarquico ele foi apodado, assim como de manifesta tentativa para derrubar o regimen! Em muitos espiritos calaram taes suposições. No nosso não—francamente o declarâmos.

E não, porque a parte do exercito e da marinha que ajudou a fazer a Republica e a outra que tacitamente nela consentiu, não viriam, numa unanimidade quasi absoluta de acção, derrubar o regimen, tendo antecipadamente a certeza de que se seguiria a esse golpe a mais sangrenta guerra civil, da qual compartilhariam todos quantos, como nós, por esse Ideal se sacrificáram e batalhàram, e cujo fim seria—quem o duvidà?—a perda deprimente da nacionalidade portuguêsa.

Mas o perigo desses momentos e a tristissima evidencia de taes factos desapareceu, supomos, e ainda bem. Ao menos sirvam eles de salutar aviso e ponderada precaução para o futuro.

Por proveito nosso.
Por dignidade propria.
Por honra de todos.

O país precisa de socêgo. O país precisa de tranquilidade. E porque estamos fartos de repetir estas verdades é que hoje, com o coração a sangrar em face do que vemos, bradâmos daqui aos responsaveis pelos crimes que se veem praticando: alto!

A nação pertence aos portuguêses e não ao bando de aventureiros que a querem perder.

Abaixo a politica insensata e anti-patriotica!

Os factos confirmam que o sr. Camacho além de não errar a profecía trabalhou naturalmente para que a situação se não prolongasse e o ministério dêsse o mais bréve possivel, como deu, com os burros n'agua...

O peor é que os monarquicos andam todos contentes, a rir-se e a esfregar as mãos em presença de tanta falta de tino e de... patriotismo...

Para não dizermos outra coisa...

E que volta?

—(•)—

Em grossos caracteres, a *Lucta*, do dia 15 do corrente mez, atirando-se desalmadamente ao ministério democratico, dizia ao alto da sua primeira pagina:

A União Republicana não concorreria ás eleições, se élas fossem presididas pelo actual govêrno; mas cumprindo-lhe não deixar que se enfeude a Republica á demagogia organisada em partido, não consentirá que ele as faça.

O govêrno tem a força?

Será obrigado a servir-se déla e a experiencia abrir-lhe-ha a cova.

Acabaram todas as transigencias em nome da segurança do regimen.

Tem uma solida base moral?

Hade viver; mas para que a sua vida não seja a podridão, carece de purificar-se.

Se o não fizér, não viverá.

IMPROVISO

(Já previsto)

Ao aparecer no *placard* da *Liberdade*, que ha muito não *dá* sinaes de existencia, a noticia da quéda ministerial, que arrastou consigo o ministro que *entrou oficialmente na vida pelo acto do seu batismo* feito pela parteira Rosa de Santa Maria, viuva, e tocado a seguir pela coroa da Senhora do Amparo, um curioso que a leu estupefacto, exclamou:

O' vós que politicaes!
Podereis soltar um *gripto*,
Que se faça ouvir no *Egipto*,
E em outras terras mais:
O *Pilécas* caiu *morpto*
E por isso está *absorpto*
Na mansão dos infinaes...

Simples desejo

E' quanto nutrimos para que os habeis dirigentes politicos e grandes patriotas, que *tão bem* teem encaminhado os destinos da Patria e a dignidade do regimen, possam ouvir da boca de todos o clamor de formal condenação contra os que teem levado o país, que quer trabalhar, que quer progredir, á triste situação em que vergonhosamente se encontra!

Julio Martins, Camilo Rodrigues, Machado Santos e os outros, todos veem carpindo máguas do coração...

Esteve a ir-se a Republica!

Mas nenhum confessou a partilha tomada na grande colisão!

Martelem, martelem pelo sr. Antonio José; martelem, martelem pelo sr. Brito Camacho; martelem, martelem por Machado Santos; martelem, martelem pelo sr. Afonso Costa e pelos outros que alguem, por sua vez, ainda os hade martelar a todos como unicos responsaveis pela vergonha e pelo perigo porque teem feito passar o regimen.

Suprêma ignominia!

O inverno

Voltou de novo desabrido, rigoroso. Nada tem faltado nos ultimos dias a caracterisar essa estação, que, todavia, já caminha para o seu termo a passos agigantados.

Infelizes mas é daqueles que jámais souberam o que é ter conforto.

Os acontecimentos

Depois dum pronunciamento militar a queda do ministério

Para onde caminhâmos?

A conhecida atitude da oficialidade do exercito de terra e mar, solidariesando-se com os camaradas que protestaram contra a transferencia do major Craveiro Lopes, não consentiu que, no espirito de qualquer pessoa medianamente ilustrada, prevalecesse por um momento a mais tenue esperança de que o ministério se mantivésse. A sua queda era fatal, mais abreviada ainda pela nota que da secretaria da Presidencia da Republica foi fornecida á imprensa e que serviu para o pretexto apontado na comunicação que o govêrno, por sua vez, transmitiu aos jornaes, assim concebida:

No conselho de ministros, reunido ás 16 horas de domingo, tomou-se conhecimento da correspondencia trocada entre o sr. presidente da Republica e o presidente do ministério, e, perante a atitude do chefe do Estado, o govêrno resolveu considerar-se demissionario, o que imediatamente comunicou a s. ex.ª.

O sr. presidente da Republica, assim que teve conhecimento de que o ministério se considerava de facto demissionario, escreveu ao sr. general Pimenta de Castro, convidando-o a ir ao palacio de Belem, o que este fez ás 16 horas, sendo logo recebido pelo chefe do Estado, na sua residencia particular, demorando-se ambos em conferencia, na qual o sr. presidente da Republica encarregou o sr. Pimenta de Castra de constituir o novo ministério, missão que aquele general aceitou, ficando de voltar mais tarde para ter nova conferencia com o sr. dr. Manuel de Arriaga.

O sr. dr. Antonio José de Almeida disse ao chefe do Estado que para este momento sería mais conveniente um ministério extrapartidario.

A serem exactas outras informações, o sr. Brito Camacho declarou ao sr. dr. Manuel de Arriaga que um ministério formado pela União Republicana solucionaria convenientemente o problema da politica internacional que neste momento mais interessa, visto como a este respeito a União encarna perfeitamente o sentimento da nação. Solucionaria tambem, convenientemente, aquele problema da politica interna que neste momento a todos os outros sobreleva, porquanto, sem humilhação do Poder, mas tão somente por coerencia com todas as suas afirmações, daria imediata e plena satisfação ás justas reclamações do exercito e da armada.

Reconhece-se a União Republicana com direito a governar; mas sem reivindicar esse direito, respeitando na mais larga medida a atribuição constitucional do chefe do Estado, afirmou ao sr. Presidente da Republica que aceitaria o Poder, solucionando imediatamente a crise, se s. ex.ª lho oferecesse.

Não se constituindo um ministério da União Republicana, este partido considerária como o maior perigo para a Republica um novo ministério democratico, combateno, por isso, sem treguas até o derrubar. Perante qualquer outro ministério que á justa desconfiança do País não apareça como um disfarce democratico, a atitude da União Republicana sería ditada pelos actos que ele justificasse, favoraveis ou desfavoraveis aos interesses politicos do regimen e aos interesses de toda a ordem da Nação.

Voltando novamente ao paço de Belem o sr. general Pimenta de Castro, a quem o sr. presidente da Republica recebeu numa das salas da secretaría geral, fôram trocadas impressões sobre a constituição do novo govêrno.

Quando durava esta conferencia chegou a Belem o sr. dr. Afonso Costa, que o sr. dr. Manuel de Arriaga mandou convidar a assistir á conferencia que estava tendo com o sr. Pimenta de Castro, demorando-se os tres reunidos durante algum tempo.

O sr. dr. Afonso Costa alvitrou a formação de um govêrno constituido com elementos dos partidos democratico e evolucionista, manifestando-se contrário á organisação de um ministério extrapartidario.

Mais tarde, isto é, na segunda-feira, o govêrno demissionario tendo em vista os acontecimentos que se estavam desenrolando, enviou á imprensa esta elucidativa nota que relata textualmente os factos taes quaes os vimos publicados em jornaes das diferentes nuances politicas:

Em reunião de deputados e senadores, realisada em casa do sr. dr. Afonso Costa, tratou-se largamente da questão politica do momento, e, pelos ministros do gabinete cessante, presentes á mesma reunião, fôram relatados os acontecimentos ocorridos durante a noite de 24 para 25, bem como o que se passou na conferencia havida, na madrugada de 25 entre o sr. presidente da Republica e o presidente do conselho e ministro do interior. Desse relato resulta o seguinte:

Durante a noite, o govêrno adotou as necessarias medidas de segurança, em virtude de informações fidedignas sobre acontecimentos gràves que se preparavam para a madrugada de 25. Ao serem comunicadas ordens a forças da guarnição, especialmente á guarda fiscal, pelo comandante da mesma guarda, sr. Matos Cordeiro, foi respondido que não cumpria as ordens do govêrno, pois só obdeceria ao govêrno Pimenta de Castro.

Intimado a ir á presidencia do govêrno, sob pena de prisão, respondeu que, se fossem lá busca-lo, tinha ali muita força para o defender. Soube tambem o govêrno que, pela tarde de 24, alguns oficiaes dos que tinham aderido á manifestação feita pela oficialidade de Lisboa se dirigiram a diversos quarteis da guarnição, procurando obter dos regimentos compromisso de só obdecerem ao dito general Pimenta de Castro.

Reconheceu assim o govêrno a exatidão das informações que lhe tinham sido fornecidas sobre o novo movimento de indisciplina que se preparava, verificando pouco depois que efectivamente, forças da guarda republicana e da guarda fiscal tinham saído dos seus quarteis, dirigindo-se para pontos combinados, sem que nenhuma ordem legitima lhes tivésse sido dada nesse sentido. Ao mesmo tempo as forças da guarda fiscal do posto da alfandega eram reforçadas, sem que egualmente nenhuma ordem do govêrno tivéssem recebido.

Em face de taes factos, o govêrno, embora tivésse nas restantes forças da guarnição e em todos os demais elementos de defêsa do regimen meios mais do que suficientes para, pela força, fazer respeitar o poder executivo e, consequentemente, a Constituição da Republica, não quiz dele usar antes de dar conhecimento do que se passava ao chefe do Estado; e por isso resolveu que os srs. presidente do ministério e ministro do interior se dirigissem imediatamente ao sr. presidente da Republica, para lhe comunicar o ocorrido e apurar se o general Pimenta de Castro estava já exercendo, com conhecimento e assentimentos do sr. presidente, funções governativas que ainda lhe não cabiam. Averiguado, pela resposta do sr. presidente da Republica, que não havia ainda outro govêrno constituido, pelo presidente do ministério e ministro do interior lhe fôram comunicados os actos de desobediencia ao poder legitimo acima expostos, dizendo-lhe o ministro do interior que *ou s. ex.ª dava ao govêrno os indispensaveis meios de manter o prestigio do poder executivo, para fazer prender o comandante da*

guarda fiscal, que se havia recusado a cumprir as suas ordens, e quem quer que, de facto, tivésse dado ordens ilegitimas á força publica, ou o govêrno, privado dos meios de assegurar a supremacia do poder civil, se retirava imediatamente.

A' exposição que lhe fôra feita respondeu o sr. presidente da Republica, reconhecendo a razão que assistia aos ministros para não continuarem em taes condições no exercicio dos seus cargos, e, sem mesmo procurar saber quaes os meios com que contavam para fazer respeitar a autoridade do poder executivo, disse-lhes que, aceitando imediatamente o seu pedido de exoneração, ía nomear presidente de um novo ministério, com a gerencia de todas as pastas, o general Pimenta de Castro.

Posta a questão neste pé, assumiu, portanto, o general Pimenta de Castro a gerencia de todas as pastas começando desde logo as suas *démarches* para a constituição do novo gabinete e dando ordens, as mais sevéras, para reprimir qualquer tentativa de alteração da ordem publica. Todo o tempo tem sido, pois, gasto em solver a crise com a maior brevidade, de passo que á *Lucta* e á *Noticia*, jornaes que o govêrno havia suspendido, foram dadas ordens para circularem livremente e uma centena de cidadãos da classe civil se acha a ferros sob a acusação de prepararem um golpe de Estado, que abortou apenas foi percebido o seu esboço.

A' hora que entra na maquina o *Democrata* dá-se como cérto estar organisado o ministério da maneira seguinte:

Presidencia e guerra —*General Pimenta de Castro.*
Interior—*Coronel Pedro Gomes Teixeira.*
Finanças—*Capitão Antonio Santos Viegas.*
Marinha — *Vice-almirante Xavier de Brito.*
Instrução—*Coronel Goulart de Medeiros.*
Colonias — *Coronel Teofilo José da Trindade.*
Estrangeiros — *Coronel Garcia Rosado.*
Justiça—*Dr. Guilherme Moreira.*
Fomento—*José Nunes da Ponte.*

E', como se vê, um govêrno de caracter acentuadamente militar, govêrno a que deu logar a pessima orientação dos chefes politicos que não cessaremos de combater pelo mal que estão fazendo á Republica sem se importarem dos compromissos tomados com o povo que os elevou e acreditou perante a nação inteira.

Que mais virá? Sim, que mais virá depois de cênas tão lamentaveis como as de agora?

Falta da trabalho

Os pintores desta cidade procuraram na quarta-feira o sr. governador civil na intenção de lhe pedirem o seu auxilio em virtude da crise que atravessam, pois constando-lhes que vão recomeçar no liceu as obras interrompidas o ano passado talvez lá possam ser utilisados os seus serviços livrando-os assim das dificuldades em que se vêem para angariarem o seu sustento e o da familia.

Na ausencia do sr. dr. Eugenio Ribeiro, que por virtude da quéda do ministério, já retirou para a sua casa de Agueda, recebeu os artistas, com a sua proverbial gentilêsa, o secretario geral, sr dr. Melo Freitas, que imediatamente se prontificou a acompanha-los na sua justa petição e perante o novo governador que se espera seja nomeado apenas a situação politica se normalise. Aconselhou, por isso, os pintores sem trabalho a irem ao governo civil logo que saibam da chegada do sucessor do sr. Eugenio Ribeiro afim de os apresentar e com ele ser combinada a melhor fórma de acudir ás precarias circunstancias em que se encontram.

EM ESGUEIRA

Está nômeada nésta freguezia uma comissão administrativa para chamar a si todos os haveres duma irmandade de que era individamente juiz, tesoureiro, secretário e tudo o cidadão Mariano Ludgero Maria da Silva, vice-presidente do Senado Municipal e a quem a Junta Geral mandou sindicar logo que teve conhecimento das irregularidades que se estavam praticando.

Compõe-na vários individuos de reconhecida crença religiosa, catolicos por conseguinte.

O Democrata, vende-se em Lisboa na *Tabacaria Monaco*, ao Rocio

O CONCERTO
VIANA DA MOTA

—=(*)=—

Realizou-se no sábado ultimo, no nosso teatro, um explendido concerto de piano, em que o celebrado artista Viana da Mota comprovou, mais uma vez, os seus merecidos creditos de primeiro pianista da actualidade. Em meio de um religioso silencio foi êle ouvido por um numeroso publico, durante duas horas. O programa constou de trez partes, com musicas de bons autores, a que êle soube dar um relevo inexcedivel, pela interpretação e primoroso desempenho com que se houve até ao fim daquéla maravilhosa audição. Foi impecavel em toda a linha, e roubou-nos a esperança de encontrarmos alguem que o iguale. Conhece, como ninguem, toda a tecnica do piano, e dele sabe tirar efeitos imprevistos, apezar da mecanica de semelhante instrumento contrariar a vontade do artista em dar á musica toda a expressão de que a sua alma é capaz. Todavia, entrando pelos dominios da livre critica, e sem que as nossas palavras tenham em vista apoucar os meritos do incomparavel pianista, diremos que na organisação do programa se patenteou o preconcebido intuito de impressionar os ouvintes pelo dificil e intrincado da execução, deixando em plano secundario ou não dando mesmo lugar a musicas que mais deleitam os ouvidos da grande maioria do nosso publico.

Ha musicas que encantam sem os complicados artificios de uma estudada factura, e é, por este lado considerada, que a musica encerra o grande poder de émoção, desperta e comove as almas, alenta, entusiasma e sugestiona egualmente sabios e ignorantes, velhos e novos, e, como uma manifestação do belo, não necessita daquéla preparação que, para a critica, demandam as criações geniaes das artes plasticas. Para universalisar este seu grande poder de sedução, os gregos, o povo artista por excelencia, déram ao seu lendario Orfeu o magico poder de arrastar as arvores, ao som divino da sua lira! João de Deus é em todas as literaturas um grande poeta lirico; no entanto êle poetou sempre com um soberano despreso por todas as escolas. Viveu no seu isolamento, como um eremita, despreocupado, empregnando as suas composições de um lirismo encantador, como um velho trovador que, de viola ao peito, pelos campos fóra, levasse a vida cantando as belezas da natureza, o eterno tema do amor que ele surpreendia nos olhos castos das inocentes camponezas. Viveu e morreu cantando o que era simples, a sua alma *ingenua e pura*. E no entanto a sua obra é uma maravilha, que encanta pela frescura e sinceridade do sentimento que a repassa, pela expontanea candura que brota do seu espirito, que encontrava motivos de arte, a cada passo, nesse vasto campo de idealisação que é a natureza e a alma do povo, que chora e canta sem pauta que lhe regule o sentimento. E assim êle é uma primacial figura na literatura, de singular destaque, inconfundivel, sem pruridos de escola, sem aquéla feição erudita e artificial que isola, muitas vezes, um artista que apenas é apreciado e querido de um pequeno numero de intelectuais, quando a alma colectiva de um povo de que êle deve ser a mais genuina encarnação, apenas o conhece de ouvir dizer.

Por todas estas considerações nós desejávamos ouvir num concerto, como este, de que vimos falando, musicas que contentassem todos os paladares, visto que a uma casa de espectaculos não acodem só aqueles que bebem do fino, na materia, e nem todos os apreciadores abdicam da sua liberdade de comerem do que gostam. Uns querem muita pimenta, outros pouco sal, e alguns morrem pelo ensosso; e nésta variedade de gostos está o encanto e formosura do mundo, como diz o padre Antonio Vieira. A Viana da Mota sobejam recursos para satisfazer a todos, e qualquer musica facil, mas bonita, adquire sob a pressão magica dos seus dêdos, um relevo tal que hade encantar a muitos daqueles que o escutam, até mesmo os que, por pedantismo, se reputam apreciadores da nebulosa musica alemã.

A *Marselheza*, escrita por Rouget de Lisle, foi ditada pela alma alucinada do povo francês. Nas suas notas candentes ha uivos de procelas, ha fremitos que tem o alor das investidas heroicas de um povo que vinha de uma noite de ignominia, e arrancava para a frente, ao sol da liberdade. Ha ali clamores de revolta, e, ou a faça vibrar um clarim de guerra, ou um piano, éla electrisa-nos sempre, e aviva-nos aquéla hora sagrada em que o povo francês, sedento de liberdade, deitou abaixo os antros da Bastilha.

E' por isso, que neste momento tragico em que se defrontam duas civilisações e assistindo ao duelo formidavel em que se joga a vida de tantos povos, ainda agora, na Flandres, os soldados déssa heroica França, nas suas cargas á baioneta, contra os selvagens da Germania, avançam, cantando, aquele hino incomparavel, como um labaro bemdito que os alenta e encoraja. E, no entanto, a *Marselheza* que por aí os garotos assobiam e os realejos tocam, é considerada, ainda hoje, como o primeiro hino do mundo.

* * *

Para esta noite está anunciado novo concêrto com musicas diferente é o concurso da sr.ª D. Berta Viana da Mota que, por motivo de força maior, não poude tomar parte no espectaculo de sábado.

Decerto não faltará ao teatro concorrencia a avaliar pelo numero de bilhetes vendidos até á data, na *Tabacaria Reis*, pois o programa é de todo o ponto convidativo e Viana da Mota grangeou em Aveiro as simpatias a que lhe dá direito a sua inexcedivel compleição artistica.

A repercussão dos sucéssos militares em Aveiro

—=(*)=—

Tambem nésta pacata terra como, de resto, sucedeu em todo o país, a oficialidade tanto do regimento de cavalaria 8 como de infanteria 24 se reuniu para deliberar sobre o caminho a seguir em face da atitude dos seus camaradas de Lisboa, sendo as seguintes as suas resoluções:

Em cavalaria 8 resolveram solidarisar-se com a guarnição da capital, declarando que o faziam sem qualquer intuito politico, visto considerarem o movimento como de pura solidariedade militar com o unico fim de levantar o prestigio do exercito, os srs. capitão Carlos de Faria Milanos (barão de Cadoro) tenentes Lourenço Casal Ribeiro de Carvalho e Joaquim Simões da Silva Trigueiros; alferes Rogerio de Almeida Tavares e Silva, Antonio de Sá Guimarães Junior e Carlos Vidal Dávila.

O primeiro enviou directamente a sua adesão ao sr. Presidente da Republica tendo-a os restantes enviado da mesma sorte ao venerando chefe do Estado, mas por intermedio do regimento a que pertencem.

Por sua vez a oficialidade de infanteria 24 expediu para a capital este telegrama:

A S. Ex.ª o Presidente da Republica—Paço de Belem

Lisboa

Os oficiaes de infanteria 24 e o encarregado da instrução preparatoria, garantindo inteira fidelidade á Patria e á Republica, afirmam a sua solidariedade com os camaradas como protesto contra a intervenção de elementos estranhos no serviço e disciplina do exercito.

(*a*) Comandante

E era depois disto, depois de todas estas manifestações militares que se estavam produzindo na maior parte dos quarteis do país, que o govêrno ainda queria conservar-se no poder, esse govêrno de figuras apagadas na sua quasi totalidade e que era o descredito da Republica, uma farça quando não um perigo para as instituições!

Onde irá isto parar se o bom senso e o juizo não entrar de vez na cabeça dos desmiolados, que fazem gala em tanta miseria, preparando a cada instante a quéda dum regimen que custou tantos esforços, tantos sacrificios, tanto sangue, tantas vidas?

Como é triste o papel que na politica portuguêsa estão representando as figuras de maior destaque na Republica e que para nós, para toda a gente se impunham como uma esperança e eram consideradas os verdadeiros salvadores da Patria!

Mas de quem é a culpa? Não será por ventura daqueles que cégamente os acompanham feitos escravos da sua má orientação? Sem duvida. Que éla vá a quem toca; que nós, cada vez mais afastados de *coteries*, de grupelhos e dos partidos, é que não temos nenhuma responsabilidade nisso que para aí anda aos trambulhões arrastando o país de novo para o lodaçal onde o foi encontrar o 5 de Outubro.

Tenham juizo se querem...

Notas mundanas

Após alguns mezes de permanencia no continente, segue no primeiro de fevereiro para Macequece, Africa Oriental, onde exerce as funções de delegado de saude, o nosso particular amigo, sr. dr. Antonio Maria Pereira Vilar, de Oliveira de Azemeis.

=Para Benguela, Africa Ocidental, segue tambem a sr.ª D. Margarida Salgueiro Antunes, esposa do tenente sr. Victor Hugo Antunes, que ali se encontra vai em dois anos.

Bôa viagem.

=Visitou-nos esta semana o sr. Manuel Dias dos Santos, acreditado negociante em Valença do Minho.

=Egualmente esteve ontem na nossa redacção o sr, Joaquim Ferreira da Costa, de Jafafe do Vouga, e que em bréve retira para os E. U. do Brazil onde já esteve.

=Faz hoje anos o sr. Manuel Maria Amador.

=Acamou com um ataque de grippe o sr. Florentino Vicente Ferreira.

=Tambem não passa de perfeita saude o sr. Augusto Teixeira Botelho, tesoureiro pagador do ministerio do Fomento no distrito de Aveiro.

=Teem-se acentuado ultimamente as melhoras do sr. Antonio Augusto da Silva.

POIS SIM

Escreve um jornal republicano:

A Republica não póde ser o que quizer um homem, uma classe, ou um grupo de politicos ávidos de governar.

Pois, camaradinha: até agora não tem sido realisadas outras tentativas senão para conseguir o que o colega diz que *não póde ser.*

E o resultado aí o temos—claro como a agua, resplandecente como á luz.

Limpem as mãos á parede, que a obra é aceiada...

O **Democrata** *é o jornal de maior tiragem e circulação e* **mais barato** *que se publica na séde do distrito de Aveiro.*

Junta Geral do Distrito

—=(*)=—

A' reunião de sabado da Comissão Executiva presidiu o cidadão dr. Marques da Costa, secretariado por Arnaldo Ribeiro, que resolveram, juntamente com os vogaes dr. Samuel Maia e dr. Elisio Sucêna aprovar os orçamentos para o ano economico de 1914-1915 das seguintes irmandades: do Santissimo Sacramento, da freguezia de Maceda, concelho de Ovar; das Almas, da freguezia de Romariz e do Santissimo da mesma freguezia, concelho da Feira.

Aprovaram-se tambem as contas relativas aos anos economicos de 1913-1914 das irmandades de Santo Antonio e Almas da freguezia de Arada, do Santissimo da mesma freguezia, do Coração de Jezus, de Nossa Senhora da Graça, de Nosso Senhor dos Passos e da Veneravel Ordem Terceira de S. Francisco todas da freguezia de Ovar e do mesmo concelho; da Santa Casa da Misericordia, da vila de Oliveira de Azemeis; do Santissimo Sacramento, da freguezia de Madail; do Santissimo Sacramento, da freguezia de S. Martinho da Gandra; da Senhora do Rosario, da freguezia de Cucujães e de Santa Luzia da mesma freguezia, concelho tambem de Oliveira de Azemeis; das Almas, freguezia de Requeixo, concelho Aveiro; de Nossa Senhora da Conceição, da freguezia de Valongo, concelho de Agueda; de Nossa Senhora do Carmo, da freguezia de Milheirós de Poiares, concelho da Feira; do Santissimo Sacramento, da freguezia de Frossos; das Almas, da freguezia de Valmaior e de Nossa Senhora do Socorro, da freguezia de Albergaria-a-Velha e todas do mesmo concelho.

Foi presente a relação dos alunos da secção masculina do Asilo-Escola que frequentam as várias oficinas da cidade, em numero de 31, por onde se conclue que durante a semana apenas os empregados da casa teem de exercer vigilancia sobre 49 alunos e não 80, como fôra indicado para provêr o logar de 2.º prefeito, medida contra a qual o nosso director se insurgiu condenando-a abertamente e pela maneira que os nossos leitores conhecem.

Por fim fôram distribuidos novos processos de contas para julgamento, sendo em seguida encerrada a sessão.

O "Camaleão,, e as ofensas nêle contidas ao exercito

—=*=—

Tratando do caso que se segue, escusado será dizer que não o fazemos pela mais insignificante parcela de importancia que nos mereça a gente e o papel que, mais uma vez, apenas confirmou a triste sina que o destino lhe impoz: comprometer todas as questões em que se intrometam por alta recreação sua os pacovios escrevinhadores com tanto de pequenez de espirito como de miseria moral.

No numero de sabado do *Camaleão*, orgão do ex-ministro da Justiça na ultima situação ministerial, gazeta das mais *aguerridas* e *lealissimas* do partido democratico, veio á estampa, em fundo, um artigo com a assinatura do estudante militar reservista, Lebre de Magalhães, e portanto da sua inteira e absoluta responsabilidade. Esse escrito é desde o primeiro periodo até ao ultimo um gráve e violento ataque, além duma desbragada censura, aos oficiaes do exercito, em vista da sua atitude no conflito originado pela transferencia dum camarada.

Conhecida, que foi, da oficialidade da guarnição desta cidade a publicação de taes inconveniencias, por parte dos da arma de cavalaria foi endereçada uma carta ao redactor do papel, dizendo que, como não estivéssem presentes todos os oficiaes daquela arma e em vista das disposições da lei reguladora dos duelos, dentro das primeiras 24 horas, alguem se encarregaria de pedir as devidas explicações que as ofensas contidas nesse artigo e noutro a seguir, impunham.

A recepção da carta produziu um efeito impressionante e, assím, o seu destinatario, como a familia, ficou profundamente inquieto, apelando para a protecção policial, que, para guarda e vigía do edificio, sua residencia, destacou vários civicos. Semelhante atitude é uma nova prova da fraqueza intelectual do famoso gazeteiro camaleonaceo, que com ela apenas provou considerar apta para a prática duma covardia, a oficialidade atingida. Ha cousas que custam a acreditar, que todos os espiritos regeitam por inacreditavel, mas que, todavía, são um facto.

Esta é uma délas.

Na manhã seguinte nova carta pela oficialidade da mesma arma foi enviada, dizendo que se até ás 16 horas daquele dia não fosse recebida informação em contrario, o autor do artigo em questão, que apenas o subscreve com os apelidos *Lebre de Magalhães*, ficava sendo considerado da inteira responsabilidade de José Lebre Barbosa de Magalhães.

Aos signatarios desta carta não foi dada resposta alguma, ficando por isso assente que o autor do artigo era, de facto, a pessoa indicada.

Conhecedor, que foi, do assunto, o sr. comandante militar, enquanto era enviado para 5.ª divisão um exemplar da gazeta, dava ordem ao sr. Strech de Vasconcelos, para levantar o respectivo auto visto, como dissémos, o autor do artigo ser militar.

O sr. coronel Oliveira teve a seguir uma conferencia com o governador civil, que oportunamente transmitiu áquela autoridade a disposição em que estava o redactor do *democratico* jornaléco em publicar no primeiro numero, a saír ámanhã, uma completa retratação de quanto fôra julgado ofensivo.

Por sua vez a autoridade militar exigiu que isso se fizésse em suplemento, exigencia, porém, que mais tarde se acordou fosse retirada.

Neste pé está a questão, que cértamente tomará outro aspecto logo que apareça o proximo numero do papelucho.

Ao terminar a narrativa de quanto em volta do triste e inconvenientissimo caso se tem dado, entendemos dever perguntar: que autoridade e que direito cabem ao *Camaleão* para chamar cobardes e traidores a quantos ainda até hoje não faltaram ao cumprimento dos seus deveres, honrando a sua farda, quando da parte censôra tantas defecções existem, conhecidas por toda a gente, para que novamente as citêmos? Que autoridade e que direito tem um militar para chamar cobardes e traidores aos camaradas, quando ainda se não lembrou de oferecer os seus serviços para ser encorporado nas expedições que, no sertão africano, se batem heroicamente em defêsa do glorioso pendão português, cobrindo com o corpo e regando com o sangue o solo sagrado do nosso dominio colonial?

Com as suas proprias palavras respodemos: *para muita gente não ha nada acima das suas ambições insofridas e do seu tenaz igoismo. Dir-se-ia que ha em Portugal gente que não é portuguêsa!*

Concordes. E o *Camaleão* é um testemunho vivo de taes afirmações.

PARA A AFRICA

No batalhão de infanteria 18, que seguiu para Angola, foi nele tambem encorporado o nosso conterraneo Abel Pereira Campos Franco, 2.º sargento daquele regimento.

Belo moço e bom amigo, desejâmos-lhe, como a todos que no sagrado cumprimento do seu dever partiram, as mais completas felicidades.

Juntamente com o resto da expedição, que parte nos primeiros dias do proximo mez de fevereiro, seguem, em comissão de serviço, os tenentes de infanteria 24, srs. José Canelhes e Amilcar Gamelas.

Apreciadores, ha muito, das suas belas qualidades de alma e coração, juuto com o nosso abraço de enternecido adeus, estimâmos aos briosos soldados vêl-os de regresso em pouco tempo.

PELA IMPRENSA

Recebemos o n.º 4 do *Mundo Teatral*, interessante revista ilustrada, cujo sumario é o seguinte: Retrato de Aura Abranches, na *Garota;* Cronica; Carta do Porto; Primeiras & Reprises; a *Garota*, com gravura; Ceu azul; Crime da Avenida 33; O gavião; Rainha do animatografo, com gravura; Ilustre desconhecido e Cartas do Brazil.

Cada numero custa, avulso, 2 centavos e a redacção é na rua da Alegria, 36—Lisboa.

= Entrou no seu quarto ano o *Mensageiro de Cira*, nosso coléga de Vila Franca de Xira com quem mantemos as melhores relações de solidariedade.

= Egualmente atingiu o terceiro ano o semanario local *O Progresso*, orgão do partido evolucionista.

A ambos as nossas felicitações.

= Consta-nos que deu por finda a sua missão na imprensa de Aveiro o jornal democratico *A Liberdade* fundado depois da proclamação da Republica por alguns individuos que escreviam no *Democrata*.

A' POLICIA

Afim de evitar que a garotada continue pelo Largo da Vera-Cruz a exibir os seus costumados palavrões, estorvando muitas vezes o bom andamento das aulas na escola primaria, aqui lembrâmos ao sr. comissario de policia a conveniencia de estender o giro da rua do Gravito até ao sitio indicado visto os guardas cada vez serem menos e não haver possibilidade de para lá destacar um permanentemente.

Os rapazes são o diabo. Mas permitir-lhes tudo sem que haja alguem que ponha um dique aos abusos e disturbios cometidos, não póde ser.

Veja, pois, o sr. comissario se de alguma maneira acaba com as *reuniões* da Vera-Cruz, que, pelo visto, hade ser sempre o ponto predileto da canalha, metendo na ordem os mais pequenos, porque, com os outros, nos havemos nós todas as vezes que ponham os carrapitos de fóra...

AINDA OS CORREIOS

Quando se tratava já da paginação do *Democrata* em quinta-feira á noite da semana finda, recebiamos da estação do correio desta cidade o seguinte oficio a que nos foi de todo impossivel dar logo publicidade pela razão apontada:

...*Sr. Director do* Democrata
Aveiro

Em referencia a uma local publicada no n.º 353 de O Democrata *de 15 do corrente, local que se intitula* Roubos de correspondencia *informo V. que por esta secretaría já, em 10, tinham sido iniciadas providencias para se encetarem as averiguações necessarias sobre tal assunto.*

Basearam-se essas providencias numa reclamação, embora deficiente, publicada no jornal O Seculo, *de Lisboa, do dia 9, e assinada por Afonso & Simões, de Caneças, a quem me dirigi imediatamente, solicitando informações precisas e concludentes que me habilitassem a proseguir rigorosamente em taes averiguações.*

No entanto, até esta data, ainda por aqueles senhores não me fôram fornecidas as informações pedidas o que não obsta a que tenha sido tomada na devida consideração a local de O Democrata.

Saude e Fraternidade.

Aveiro, 20 de Janeiro de 1915.

O Chefe dos Serviços
Aristides da Luz Lobo

Agradecendo ao sr. Aristides Lobo a sua atenção, queremos aqui manifestar ao digno chefe dos serviços telegrafo-postaes deste distrito que nem outra coisa esperavamos do seu inexcedivel zelo por tudo quanto se prenda com as atribuições que lhe são inerentes. Os casos aqui tratados são assaz grâves. O correio é uma instituição que deve merecer a inteira confiança do publico e por isso carece de ter um pessoal probo e honesto afim de evitar reclamações por mais simples que sejam. Sabe-o bem o sr. Aristides Lobo. E assim sendo escusado será repetir que no proprio interesse dos que estão ao abrigo de quaesquer suspeitas tem obrigação de existir o cuidado de auxiliarem todas as deligencias tendentes a colher elementos que possam conduzir ao fim que se deseja e que é conhecer o prevaricador para o castigar convenientemente fazendo-lhe vêr em toda a sua plenitude o crime que representa a subtração do mais insignificante objecto confiado á repartição dos correios.

Estamos prontos, sempre, como várias vezes temos demonstrado, a perdoar pequenas faltas. Porém, desde que se trata duma sequencia de roubos entendemos ser necessario reprimir esse abuso e empregar todos os meios para os evitar de futuro.

Está em bôas mãos o apuramento de responsabidades no distrito de Aveiro. Que outros esforços, pois, se conjuguem com os do sr. Aristides Lobo é o que sincéramente desejâmos para honra dos correios em geral.

Relembrando

—=(*)=—

Depois de tanto arroto de basofiada bravura em que o *Camaleão* é fertil, vem a proposito recordar estes dois factos, que definem bem as *praças*, que de fórma alguma podem ser atingidas pelo orgão dos *pardos* da Vera-Cruz, atendendo a que pertencem á familia de tão patrioticas e valentes tradições: quando foi da primeira incursão couceista, era militar, cabo de infanteria ou coisa parecida, um individuo de nome Vilhena, que logo se remiu para fugir á obrigação de acompanhar o regimento, caso a sorte assim o determinasse. Mais tarde, isto é, o ano passado, começa a falar-se na guerra européa e então o que faz o *honrado* tenente medico meliciano Pereira da Cruz? Apresenta a sua demissão e, entregando a espada, põe-se a coberto de qualquer eventualidade que lhe tolhesse os regalos da vida.

Como se vê, tudo isso são actos de incontestada bravura!... Os outros é que são cobardes, traidores, degenerados e etc...

Bombeiros Voluntarios

Para solenisar o aniversario desta antiga e humanitaria associação, teve ela na quarta-feira hasteado o seu pavilhão e embandeirada a frente do edificio onde o corpo activo tem o seu quartel, na Rua 31 de Janeiro, preparando para domingo de tarde uma festa de confraternisação levada a efeito por todos os associados.

Vem a proposito noticiar que os novos corpos gerentes já tomaram posse dos cargos para que foram ultimamente eleitos, achando-se animados dos maiores desejos de serem quanto possivel uteis á benemerita instituição.

DE LUTO

Pela morte, em Monsão, onde residia ha mezes, do sr. Visconde da Carreira, um dos mais ilustres fidalgos de Viana do Castélo, está de luto o sr. dr. Casimiro Barreto Sachetti, genro do finado, a quem, como á restante familia, enviâmos o nosso cartão de condolencias.

=Egual manifestação de sentimento nos cumpre ter para com o sr. Antonio Maia, pela perda de seu pae que, em avançada edade, sucumbiu na sua casa de Arada num dos dias da semana finda.

ESCOLA DE S. BERNARDO

—=(*)=—

Com a assistencia de quasi todo o povo do visinho logar, realizou-se no domingo a mudança de toda a mobilia, e mais utencilios pertencentes á escola do sexo masculino, que se achavam no antigo edificio, para o moderno, no centro da povoação, e visto ter sido autorisada essa mudança superiormente, conforme os desejos da maioria dos habitantes.

Pelas 15 horas organizou-se um extenso cortejo constituido por mais de vinte carros de bois, enfeitados com trofeus e bandeiras e onde foi colocado tudo quanto se achava na escola. A alegria do povo era comunicativa, no espaço estralejavam foguetes e os sinos da capéla repicavam festivamente á passagem da numerosa fila de carros na rua principal do populoso logar.

Chegado o cortejo á nova casa de escola, toda enfeitada tambem com bandeiras e flôres, tendo numa parede, envolto na bandeira nacional, o retrato do venerando chefe do Estado, sr. dr. Manuel de Arriaga, usou da palavra o director daste jornal, convidado para ali comparecer, e que disse congratular-se com a justiça feita ao povo de S. Bernardo em conformidade com os desejos expressos numa petição entregue á câmara para a mudança da escola até áquele momento deslocada do sitio que lhe competia de direito e que é aquele em que hoje se encontra apezar de haver quem assim o não entenda.

Refere-se depois á missão do professor, incita os habitantes a mandarem os filhos á escola para lá receberem não só a instrução mas tambem a educação que as creanças necessitam para serem, no futuro, bons cidadãos, uteis á Patria e á Republica, e por fim, em termos que a assembleia aplaude, despede-se dos que com tanta atenção e interesse ouviram as suas palavras, erguendo um viva á Patria, que é geralmente correspondido.

O professor sr. Alexandre Vieira profére a seguir um pequeno discurso em que salienta as vantagens da instrução e agradece a Arnaldo Ribeiro a presença naquéla festa levada a efeito na melhor ordem por todo o povo do logar de S. Bernardo de quem só tem recebido provas de afecto e estima, que muito o penhoram.

Por ultimo fala ainda o sr. João Ferreira da Cruz tambem para agradecer ao nosso director a sua cooperação na mudança da escola e bem assim tudo quanto fez ao lado dos seus conterraneos.

Varava das 16 horas e meia quando a festa terminou erguendo-se por essa ocasião estridentes vivas á Patria, á Republica e ao povo de S. Bernardo, que com tanto brio e altivez se conduziu nas suas reclamações para obter o que julgava uma necessídade para as creanças da ascola, agora privadas de percorrerem tão grande distancia como aquéla que as separava desse verdadeiro templo da instrução.

Aos srs. inspector escolar de Coimbra, Kemp Serrão e ministro da Instrução, foram dirigidos telegramas de reconhecimento pela justiça feita ao povo de S. Bernardo, sendo a proposta aclamada no meio do maior entusiasmo.

Associações locaes

—=*=—

Dâmos a seguir uma relação dos corpos gerentes ultimamente eleitos nos vários *clubs* e associações existentes nesta cidade, e que desde o principio do ano se acham exercendo os respectivos cargos:

Recreio Artistico

Assembleia geral

Presidente, José Marques de Almeida; *vice-presidente*, Julio Rodrigues da Silva; *1.º secretário*, Americo da Silva; *2.º secretário*, Henrique Marques Sobreiro.

Direcção

Presidente, João de Pinho das Neves Aleluia; *vice-presidente*, Firmino Fernandes; *1.º secretário*, Jeronimo da Silva Veiga; *2.º secretário*, Antonio Coelho da Silva; *tesoureiro*, Joaquim Pedro Ferreira; *vogaes*, Jaime Marcos de Carvalho, Antonio Augusto Gonçalves da Silva, Manuel Augusto Sarabando e Luiz Vicente Ferreira.

Conselho fiscal

Albino Pinto de Miranda, Joaquim Ferreira Felix e Augusto da Costa Guimarães.

Bombeiros Voluntarios

Assembleia geral

Presidente, Manuel Gonçalves Moreira; *vice-presidente*, João Nunes da Maia; *1.º secretário*, Antonio Rodrigues Pereira; 2.º, João Rodrigues Marques.

Direcção

Presidente, Arnaldo Ribeiro; *tesoureiro*, Bernardo Torres; *secretário*, José Maria dos Santos Victor; *vogaes*, Manuel Maria Nunes e Isaias de Albuquerque.

Conselho fiscal

Presidente, João Pinto de Miranda; *vogaes*, Manuel Rodrigues Dil'Alma Graça e Olimpio Correia.

Club dos Galitos

Assembleia geral

Efectivos

Presidente, dr. Joaquim de Mélo Freitas; *1.º secretário*, João da Maia da Fonseca e Silva; *2.º secretário*, Livio da Silva Salgueiro.

Substitutos

Presidente, Francisco Marques da Silva; *1.º secretário*, José Augusto Ferrer Negrão; *2.º secretário*, Joaquim Gamélas Ferreira.

Direcção

Efectivos

Presidente, Pompeu Alvarenga; *secretário*, Aurélio Costa; *tesoureiro*, Domingos Martins Vilaça; *vogais*, Manuel Pacheco, Armenio Carvalho e João de Deus Marques.

Substitutos

Presidente, Domingos João dos Reis Junior; *secretário*, Cezar Augusto Ferreira; *tesoureiro*, Augusto Carvalho dos Reis; *vogaes*, João da Cruz Bento, José do Espirito Santo e Roque Ferreira.

Conselho fiscal

Efectivos

Manuel Lopes da Silva Guimarães Armando de Castro Regala e Alberto Azevedo.

Substitutos

Francisco Ferreira da Encarnação, Licinio Pinto e José Maria Monteiro.

Associação dos Empregados do Comercio

Assembleia geral

Presidente, Henrique dos Santos Rato; *1.º secretário*, Luiz dos Santos Vaz; *2.º secretário*, Cezar da Cruz.

Direcção

Presidente, Antonio José Marques; *vice-presidente*, Manuel da Costa Azevedo; *tesoureiro*, João da Maia da Fonseca e Silva; *1.º secretário*, Augusto Decrock; *2.º secretário*, Acácio Larangeiro; *vogais*, Antonio da Silva Salgueiro, Fernando da Silva e Mário da Conceição.

Associação do Monte-Pio

Direcção

Presidente, José Gonçalves Gamélas; *vice-presidente*, Francisco Marques da Silva; *tesoureiro*, João Vieira da Cunha; *1.º secretário*, Americo da Silva; *vice-secretário*, Albano da Costa Pereira; *vogais*, Luiz de Matos da Cunha, Joaquim Pedro Ferreira, Ernesto Joaquim Antonio Ferreira, Antero de Almeida, Manuel Vicente Ferreira e José Maria da Costa Junior.

Pedimos aos nossos assignantes que nos avisem sempre que mudem de residencia afim de que o jornal se não extravie e portanto o não deixem de receber.

O DEMOCRATA

Vende-se em Aveiro no kiosque de *Valeriano*, Praça Luís Cipriano.

Despedida

Alfredo Cesar de Brito, (filho), tendo de acompanhar o regimento de infanteria 18, no qual segue encorporado com destino á Africa Ocidental, vem por este meio despedir-se de todas as pessoas das suas relações e amizade visto não ter tempo de o fazer pessoalmente, como era seu desejo.

Lisboa, 20 de Janeiro de 1915.

Homenagem funebre

Promovida pelo *Centro Republicano* de Arada terá logar no dia 7 de Fevereiro proximo uma visita ao tumulo do malogrado consocio Joaquim Rei Neto, que dorme o seu eterno sono no cemiterio do Outeirinho, constando-nos que será deposta uma grande corôa de flôres em nome dum grupo de amigos seus.

De Aveiro irão alguns republicanos prestar tambem a sua homenagem ao inditoso companheiro dos bons tempos da propaganda, entre os quaes o director deste jornal que tinha pelas qualidades do extinto a maior admiração.

Teatro Aveirense

Causou verdadeira sensação a noticia que aqui démos, de que na proxima terça-feira, 2, se exibirão as mais recentes peliculas da *guerra*, seguidas dum concerto musical pela orquestra dos Bombeiros Voluntarios.

Vae ser uma noite de festa, e não será dificil prever duas enormes enchentes.

Para sábado, 6, está já anunciada a célebre fita policial, **Companheiros do Silencio**, de *3.000 metros*, e a estreia dum numero de *variedades* que no Porto tem alcançado um exito colossal.

Na *Tabacaria Reis*, aos Arcos, abre brevemente a assinatura para os espectaculos e bailes de Carnaval, que este ano prometem ser brilhantissimos.

oportuno, quando a nação possa esmiuçar propositos e responsabilidades de cada um.

Como se viu já—não pelo *fac-simile* do documento publicado, nós escrevemos *cujo* fac-simile *os leitores hão-de vêr*—os conspiradores andavam entretidos em aprovisionar o seu arsenal, arrecadando o armamento comprado em Espanha pelos agentes dos *comités* dali, e passado por contrabando, na nossa fronteira do Minho.

Nesse documento aparecem referencias a *Consuelo*, aquela creatura que de *Consuelo* nada tinha e que era simplesmente o Sá Pereira, ex-reitor de Caminha, o fugitivo do aljube, envolvido nos acontecimentos de 29 de setembro, e cujo odio á Republica, por ele sempre sentido, se avivou com a cordeal amnistia exigida na ponta da espada do comandante da Rotunda e por entre os sons monotonos da *Internacional*.

Não pensem os que nos lêem que a *mobilisação* dos conspiradores estava pronta. Não senhor. Enquanto uns se *entretinham* com as armas, outros *lidavam* com as bagagens, isto é, tratavam de dar aos *comités* provinciaes uma organisação metódica e novas adesões aos seus muitos e variados grupos. Este trabalho proseguia com toda a normalidade, vigiado, é claro, pelos olhos vigilantes e inteligentes das *Rondas Revolucionarias*, que constatavam os indiscutiveis progressos conspirateiros, de tal sorte felizes, que pouco depois, alguns dos nossos queridos correligionarios, se passaram para as suas fileiras prontos a verificarem por seus olhos e sua presença todos os seus movimentos.

Mas o que interessa agora saber é a maneira como as armava e municiava o arsenal e isso vamos nós contar com aquela minuciosidade já conhecida.

Ora pois, naquele dia marcado pelo dr. Carneiro na sua carta, recebeu-se a primeira remessa enviada pelo Sá Pereira. Os leitores pódem romantisar á vontade, vendo aquele lindo Minho luarento testemunha muda de tanta pouca vergonha, o pico de Santa Tecula, na Galiza, espetado na imensidade, com o mar rugindo a seus pés, e Caminha, arcada e branca, dormindo socegada do lado de cá.

Norberto, de Lanhelas, a segura entrada do municiamento por aquele ponto da fronteira.

Por seu turno, o *Mijareta*, tem-no os leitores debaixo de olho, preparando nas minas de S. Pedro da Cova o paiol e o deposito que havia de receber a *encomenda*.

As discussões sobre o assunto repetiam-se, sem cessar, no *Parlamento conspirateiro*, Hotel Universal, entre o Jaime Silva, o Cecioso de Sá e Melo—que ainda é escrivão da Relação do Porto!—e o Abel dos Santos Ferreira.

Dessas discussões nasceu o respeito pelas deliberações do *Parlamento*, isto é, acentuou-se que o *arsenal* da intentona continuasse a ser a Quinta do Alão, em S. Mamede.

Os Albuquerques eram, sem duvida alguma, pessoas de confiança, que ofereciam as garantias que em S. Pedro de Cova faltavam. A Quinta do Alão tinha esconderijos admiraveis, escaninhos impenetraveis, falsos, misteriosos e escuros...—era pois um arsenal por excelencia; por tudo isso ficou assente que fosse ali o *arsenal conspirateiro*.

Para transportar o armamento, serviço de condução e terem nas mãos um rapido meio de comunicação, os conspiradores compraram um automovel, o célebre 739—N que tanto deu que falar. Era um Chenard-Walker que o *Mélinho da Maia* havia comprado na *garage* da firma Magalhães & Moniz e com o dinheiro vindo de Londres. Um dos socios desta firma estava tambem, ao que parece, envolvido na conspirata, passeando ora na Galiza, *conversando* umas vezes em Paris e outras tomando ares em Londres.

O automovel tinha dado já as suas provas de resistencia levando o *Mijareta* a Vizeu a avistar-se com um tal *Catalá*, um dos mais activos dos agentes conspiradores.

Relativamente á entrada do armamento resta apenas a arriscada operação de fazer com que ele atravessasse a fronteira.

Vão agora os leitores saber como se fez a introdução das armas em Portugal por um documento que um tal dr. Carneiro, que deixámos em Tabajão, do qual os leitores vão vêr o *fac-simile*. E' o seguinte:

Licôr PATRIA

O melhor licôr até hoje conhecido. Fabrico especial de Augusto Costa & C.ª

Quinta Nova

OLIVEIRA DO BAIRRO

I

O licôr **Patria**, já viram?
E' hoje o rei dos licôres!
Todos os homens admiram
Seus efeitos, seus sabores!

II

Licôr **Patria**, é um primôr
Com todos os requesitos:
Apezar de ser licôr
Dá saude aos mais aflitos!

III

Licôr **Patria** que delicia
Para o pobre e p'r'o janota!
Não o beber tem malicia...
Quem o beber é patriota!

IV

Licôr **Patria**: em meu peito
Tu tens a melhor guarida!
Não ha licôr mais perfeito
Que se encontre nésta vida!

V

Licôr **Patria**, ó leitores
Ele inspira qualquer trova;
E' hoje o rei dos licôres
Que se faz na Quinta Nova

Enviam-se preços e condições de venda a quem as pedir.

Deposito em Aveiro—*Tabacaria Havaneza.*

VINHOS DO PORTO

Experimentem os da casa

Rodrigues Pinho

—DE—

VILA NOVA DE GAIA

(Porto)

Pois são dos melhores que ha

O fino **Moscatel vêlho** ou o vinho superior **Regenerante**

Bacêlos

americanos, barbados, das castas mais produtivas e resistentes, assim como eucaliptos

Vende — **Manuel da Cruz Manuelão**

Aveiro—*Oliveirinha*

Juizo de Direito da Comarca de Aveiro

Arrematação

(1.ª PUBLICAÇÃO)

No dia sete do proximo mez de fevereiro, por 11 horas e á porta do tribunal judicial désta comarca, se hade proceder á arrematação em hasta publica, pelo maior lanço oferecido acima das quantias abaixo mencionadas, segundo foi deliberado pelo conselho de familia e inventariante no inventario orfanologico a que se procede por obito de Ana de Jesus, casada, moradora que foi no logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, e em que é inventariante João Maria Fernandes Cardoso, viuvo da falecida, residente no mesmo logar e freguezia, dos seguintes predios:

Uma morada de casas terreas com quintal, poço, parreiras e mais pertenças, sita no Mato Feijão, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de duzentos e cincoenta escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita no Mato Feijão, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhávo, que vae á praça pela quantia de oitenta escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de noventa escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita tambem na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de setenta e cinco escudos;

Uma terra lavradia e mais pertenças, sita na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de setenta escudos;

E uma terra lavradia e mais pertenças, sita na Crasta de Cima, limite do logar da Gafanha da Encarnação, freguezia de Ilhavo, que vae á praça pela quantia de cento e vinte escudos.

Toda a contribuição de registo e despezas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citados quaesquer credores incertos para assistirem á arrematação e deduzirem os seus direitos.

Aveiro 19 de Janeiro de 1915.

Verifiquei

O Juiz de Direito

Regalão

O escrivão do 5.º oficio,

Julio Homem de Carvalho Cristo

VENDE-SE

uma bôa terra lavradia com perto de 12 alqueires de semeadura situada nos Andoeiros, limite da estrada do Senhor das Barrocas, ao Canal de S. Roque.

Nesta redacção se diz.

VENDE-SE um arreio de carro inglês, ferragem de metal branco com dois mezes de uzo.

Para tratar na Correaria Fernandes, aos Arcos—Aveiro.

Casa de emprestimo sobre penhores

=DE=

João Mendes da Costa

(FUNDADA EM 1907)

RUA DA REVOLUÇÃO, 63
E TRAVESSA DO PASSEIO, 10

(Em frente da Escola Central do sexo feminino)

AVEIRO

Nesta acreditada casa empresta-se dinheiro sobre brilhantes, ouro, prata, roupas de todas as qualidades, bicicletas, mobilias, calçado, relogios, maquinas de costura, instrumentos, louças etc.

Os juros sobre brilhantes, ouro e prata é de 5 rs. cada 1$000 ou seja 6 0[0. ao ano.

Sobre os outros artigos tambem o juro é muito reduzido.

Esta casa acha-se aberta todo o dia.

OFICINA DE CALÇADO E DEPOSITO DE CABEDAES

DE

José Migueis Picado Junior

Néste estabelecimento encontrarão sempre os seus colégas um colossal sortido de sóla e cabedaes de todas as qualidades, que vende por preços excessivamente módicos em virtude dascondições vantajosas porque obtem aquêles artigos.

Executa-se toda a qualidade de calçado com a maior prontidão e aperfeiçoamento.

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Grande deposito de adubos para todas as culturas

Preços correntes, a pronto pagamento:

Sulfato de amonia com 20 °[o de azote, saco		4$80
Nitrato de sodio com 15 °[o de azote	»	4$60
Cloreto de potassio com 50 °[o de potassa	»	3$80
Superfosfato de cal com 12 °[°	»	1$00

ADUBOS COMPOSTOS

G. C., saco	1$15
V. R., »	1$25
D. C., »	1$35

A praso 5 centavos por mez em cada saco

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

Oficina de serralheria

E

Estabelecimento de ferragens, ferro, aço e carvão de forja

—DE—

RICARDO MENDES DA COSTA

Rua da Corredoura

AVEIRO

N'esta oficina fabricam-se com toda a perfeição fechaduras, fechos, trincos e dobradiças, do que ha grande quantidade em deposito para vender por junto.

Grande sortido de ferragens para construcções, ferramentas, cutilarias, pedras e rebolos de afiar; folha de Flandres, de cobre e de latão; tubos de chumbo e de ferro galvanisado; pregaria, chapa de ferro zincado, etc., etc.

Vendas por junto e a retalho

Agente da Sociedade de Saneamento Aseptico de Lisboa

Diluidores septicos automaticos, esterilisadores e filtros biologicos das aguas

Nova fabrica de telha em Aveiro

A Ceramica Aveirense

=DE=

JOÃO PEREIRA CAMPOS

SITA NO CANAL DE S. ROQUE

O proprietario desta fabrica participa aos srs. mestres de obras, revendedores e ao publico em geral, que se encontra habilitado a satisfazer qualquer pedido de telha, tipo Marselha, e doutros, telhões, tijolos vermelhos e refractarios, ladrilhos, azulejos, tubos de grez, cimentos, etc., etc., e pede para que não façam as suas compras sem uma prévia visita á sua fabrica para avaliarem a qualidade dos seus produtos.

Aos srs. mestres de obras e revendedores, descontos convencionaes. Manda amostras e preços a quem os requisitar.

38

Tabajon, 10 de Agosto

Ex.[mo] *Sr.*

Escrevo-lhe a pedido da Consuelo e para lhe comunicar o seguinte.—Na noute do proximo sabado (16) ou na do domingo (17) tudo leva a crêr *que terá serviço de condução. Tal serviço, porém,* em definitivo, *depende de ser avisado por telegrama* expedido de Seixas *e endereçado a M.ª da Conceição, D. Pedro 53-2.º e que dirá o seguinte:—«Preciso vestido esta semana sem falta» (assig.º) Lima.—Este telegrama significa que na noute* desse mesmo dia *(o da expedição) V. Ex.ª terá de vir com o automovel até Lanhelas,* seguindo um pouco adeante da estação do Caminho de Ferro—*em direcção de Valença—e parando* a uns 200 para trezentos metros além da mesma estação. *Deverá trazer o* vidro duma lanterna *um tanto* fosco *com um pano, segundo o combinado com Consuelo e* uma pessoa descendo do carro irá encostar-se ou sentar-se num marca kilometro *que se encontra ao fim do muro do quintal da Estação e na* valeta oposta a este, isto é, á direita.

Então aí aparecerá um homem que «dando as boas noites camarada»*—ouvirá como resposta—que* «está doente duma perna.»*—O carro aguardará* **que aí** *ou* **onde lho indicarem,** *lhe seja entregue a encomenda. Repito, o serviço depende, para ser feito, do* **recebimento do referido telegrama.** *Convém prevenir á r. de D. Pedro para o entregarem logo que recebido seja. Na hipotese de se fazer o serviço, lembrava a Consuelo caso aí convenha—aproveitar a oportunidade para vir até cá—*quem cá se espera *e para cuja passagem nessa noute, eu tudo prevenido tenho. O automovel deverá chegar entre as* dez horas e meia e a meia noite. *Não deve chegar* depois desta hora por causa de um comboio *que passa.*

Adiantando serviço—Convém que tome nota do teor do telegrama pois poderá para a outra semana servir para o prevenir *de serviço em Molêdo, observando-se o mesmo. Apenas mudará a (assig.ª) «Vasconcélos» e a hora que deverá ser entre* dez e onze. *Tambem deverá trazer a lanterna foscada—e a senha* será o individuo acendendo lumes *e perguntando-lhe se o automovel é do Sr. Pinheiro* etc. (*conforme o combinado com Consuelo.) Não escrevo em cifra (que o Consuelo já me confiou) por o portador ser de confiança e para lhe poupar trabalho. Caso queira escrever-me póde usar a cifra tambem. A direcção é: Alberto Araujo (Tuy) S. Juan de Tabajon—O Portador dirá-lhe quem é que lhe escreve—repito—Tuy S. João de Tabajon.*

39

Deixâmos a historia com o sabor agradavel deste documento e com a leal promessa de que outros mais importantes surgirão no decorrer das revelações que nos propuzémos fazer.

A atenção do país pelas revelações de "O Norte„—Erratas e aclarações—Continuam os trabalhos de organização dos "comités„—O armamento em Portugal—Subsidios romanticos—Um documento sensacional: a guia de remessa do armamento!

A historia que estamos fazendo das conspirações de 1913 e 1914 realizadas pelos inimigos da Republica, que são todos aqueles inimigos da Patria, que não se conformam com uma honrada administração dos dinheiros publicos nem com o progresso do país, porque viviam da crápula e do roubo que a monarquia usou na sua vida de escandalos e de impudor, tem vivamente interessado toda a nação.

Duma indiscutivel importancia, esta historia tem merecido a transcrição dos grandes diarios lisbonenses, porque ela lança uma forte luz sobre os acontecimentos do ano passado, evidenciando-se a miseria duma exploração politica, cujos funestos resultados déram eloquente prova em 1914.

Os dois grandes injuriados Caldeira Scevola e Afonso Costa, teem nestas sensacionaes crónicas, escritas com desprendimento, numa linguagem *terra a terra*, a sua publica e justiceira justificação e não seriamos sincéros negando que a isto especialmente corresponde a tarêfa que o *Norte* se propôz.

Ninguem póde agora duvidar da dedicação, da canceira e do talento que o sr. Caldeira Scevola dispoz ao serviço da Republica e da tranquilidade do país, nem da oportunidade e segurança com que o govêrno de presidencia do sr. dr. Afonso Costa interveio com a sua energia para castigo de todos os implicados.

Mas, em suma, isso será caso tratado á parte e em dia

ANUNCIO

Faz-se publico que, no dia 31 do presente mez de Janeiro, pelas 11 horas, nas salas do Teatro Aveirense, desta cidade e perante a Direcção do mesmo Teatro, se receberão propostas em carta fechada, para a execução da empreitada das obras destinadas a modificar o aludido edificio. Os trabalhos são os que constam do procésso de arrematação, contendo este: desenhos, medições, condições, caderno de encargos e memória descritiva e está patente aos interessados, todos os dias uteis, no estabelecimento dos srs. José Antunes de Azevedo, Sucessores.

O deposito provisorio far-se-ha sobre a mêsa antes da entrega das respectivas propostas, no proprio dia em que se realisar a arrematação.

A importancia do deposito definitivo é de 5 o[° do preço da adjudicação e o provisorio é de 2,5 o[° da base de licitação.

Base de licitação 8:550$00 Esc.
Deposito provisorio 213$75 »

Aveiro, 27 de dezembro de 1914.

O Presidente da Direcção do Teatro

Francisco A. da Silva Rocha

Albino Peralta Estrela

Negociante de cobertores, queijo, castanhas, nóses e painço. Fornecedor de bacêlos americanos das melhores qualidades. Enxertos e barbados, garantidos.

Preços sem competencia

COSTA DO VALADO